

Instituto “As Josefinas”: comunicação das mulheres negras segundo valores afrocivilizatórios¹

Ana Lúcia Nunes de SOUSA²

Raquel de Oliveira RIBEIRO³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho analisa as práticas comunicativas de resistência e reexistência do "Instituto As Josefinas", organização comunitária de mulheres negras, da cidade do Rio de Janeiro. A partir de diários de campo, reflexina como pensamento negro e afrodiaspórico brasileiro, a partir dos valores afrocivilizatórios, propostos por Azoilda Loreto Trindade, se apresentam no cotidiano do Instituto.

PALAVRAS-CHAVE: azoilda trindade; comunicação; resistência; re-existência; diários de campo.

Introdução

Nas duas últimas décadas, pela primeira vez, a maior parte da população brasileira se autodeclarou negra (preta e parda). Segundo Crenshaw (1991), a identidade política gera comunidade e empoderamento para grupos minoritários e oprimidos. Assim, em contextos fortemente marcados pela violência, é compreensível que este tipo de identificação política cresça, de forma a enfrentar o problema como parte de um grupo organizado. A identidade, desta forma, passa a se manifestar como um lugar de resistência (hooks, 1990).

O objetivo desta pesquisa, iniciada em 2019, foi analisar como se desenvolviam práticas e narrativas de resistência e reexistência entre os povos e descendentes de africanos e indígenas, considerando as diversas formas nas quais se apresentavam, principalmente aquelas situadas no campo da comunicação participativa e comunitária.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação antirracista e Pensamento Negro, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024. “Este estudo foi financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI E-26.201.251/2023 e Processo SEI E-26.211.227/2019”.

² Professora e pesquisadora do Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde e dos Programas de Pós-graduação em Comunicação e Cultura e em Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro; E-mail: analucia@nutes.ufrj.br.

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do curso de Letras da Faculdade de Letras da UFRJ, e-mail: raquelribeiro@letras.ufrj.br

A partir de um enfoque qualitativo, mapeamos mais de 300 grupos e coletivos atuantes na região metropolitana, numa primeira fase da pesquisa. Posteriormente, escolhemos seis grupos para acompanhar através da pesquisa participante, que também incluía produção audiovisual participativa.

A etapa de mapeamento nos mostrou que nos últimos anos, projetos comunitários, liderados, majoritariamente, por mulheres negras, que desenvolvem ações vinculando educação, comunicação, política, cultura, saúde – principalmente a partir da sindemia (Madeira Teixeira da Silva, 2023) de Covid-19 — como estratégias de resistência e reexistência se destacavam nos bairros periféricos e favelas da região metropolitana do Rio de Janeiro. Na etapa de posterior, que continua até a atualidade, acompanhamos a Teia de Solidariedade da Zona Oeste (Teia ZO), o Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM), a Rede de mães vítimas da violência do Estado, o Instituto As Josefina, o projeto educativo Atelierê a Liga de Saúde da População Negra.

Neste trabalho, especificamente, analisamos as práticas comunicativas do Instituto As Josefina. O Instituto foi criado em 2019 por Aira Luana Nascimento, no bairro de Campo Grande, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. O Instituto As Josefina - Colab & Espaço Cultural foi criado e gerido por mulheres, majoritariamente negras, como uma casa de formação empreendedora para mulheres periféricas a partir de três pilares: 1) impacto social, com o objetivo de acolher, instruir e capacitar mulheres para o empreendedorismo, mercado de trabalho e distribuição de renda; 2) cultura, funcionando também como um espaço cultural de fomento da cultura afro-brasileira e indígena, promovendo o resgate de valores e tecnologias ancestrais, e por último e 3) o autocuidado, fundamentado na afetividade e na energia vital. A pergunta que nos propomos a responder aqui é: como o Instituto As Josefina mobiliza práticas de resistência e reexistência comunicacionais? A partir desta indagação, analisamos como estas práticas e narrativas dialogam com o pensamento negro e afrodiaspórico brasileiro.

Mulheres negras: uma história de resistência e re-existência

Para as mulheres negras brasileiras, não há possibilidade fora da luta cotidiana. Desde a Rainha Nzinga, no atual território de Angola, liderando exércitos e exercendo a

diplomacia nas negociações até o *advocacy* exercido pelas organizações políticas femininas negras como Criola e as organizações de mães vítimas da violência estatal de Rio de Janeiro e São Paulo. Importante pontuar que não há apenas um caminho de luta, ele é múltiplo como as próprias mulheres negras. Os movimentos de mulheres negras no Brasil lutam por garantir as condições básicas de existência, como fizeram as Irmandades negras; passam também por mercar e empreender, criando organizações de base comunitárias como o Instituto As Josefinas. Portanto, os processos que entendemos como práticas de resistência e reexistência constituem o fundamento dos movimentos de mulheres negras.

Medina (2012, p.16) entende a resistência como “uma atividade multifacetada, é conceitualizada como uma contenda com, e não exclusivamente ou fundamentalmente contra”. A resistência também pode ser interpretada como um “local de abertura radical e possibilidades” (hooks, 1990, p.336), como a margem escolhida como local de existência. Robinson e Ward (1991) chamam a atenção para duas formas de resistência: (a) resistência pela sobrevivência e (b) resistência pela libertação. Scott (1990) distingue entre formas abertas e declaradas de resistência e formas não declaradas, que são chamadas de infrapolítica e localizadas nas práticas diárias daqueles que resistem. Estas ideias nos permitem ver a resistência como um conceito ampliado, que pode ser relacionado às práticas de contestação e ativismo, mas também com “mais espontâneas, menos lineares, menos planejadas e intencionais (inclusive inconscientemente)” (Medina, 2012) de resistência.

Já o conceito de reexistência, pese a ser amplamente utilizado pelo movimento negro organizado e outros movimentos sociais, ainda carece de aprofundamento em sua conceitualização. Gonçalves (2001) aponta como “movimentos de re-existência” aos movimentos sociais do campo, que na luta para resistir, também lutavam por uma determinada forma de vida e de produção, “por modos diferenciados de sentir, agir e pensar” (p.130). Ideia que vai na mesma linha de Achinte (2013), que define a re-existência como:

compreendida como os dispositivos que grupos humanos implementam como estratégia de visibilização e de interpelação às práticas de racialização, exclusão e marginalização com o objetivo de redefinir e ressignificar a vida em condições de dignidade e autoderminação, enfrentando a biolítica que controla, domina e mercantiliza aos sujeitos e à natureza (Achinte, 2013, p.121-122).

Estas práticas e narrativas de resistência e reexistência também se desenvolvem no âmbito comunicacional. Aliás, é a comunicação, entendida como "síntese nominal de práticas contemporâneas que se estendem desde as trocas intersubjetivas de palavras até a transmissão tecnologicamente avançada de sinais e mensagens" (Sodré, 2014, p. 9), que faz possibilita que estas práticas e narrativas sejam propagadas.

A comunicação, explica Bordenave (1997), é o elo que faz com que as pessoas se relacionem e se transformem mutuamente. É pela comunicação que as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Sodré (2014) vai na mesma linha, ao defender que a comunicação é a organização do comum a ser partilhado. Aqui, portanto, compreendemos os processos organizativos do comum empreendidos pelos movimentos de mulheres negras, como o Instituto As Josefinas, como práticas comunicacionais.

As mulheres negras brasileiras têm, historicamente, organizado seus comuns a partir de um conjunto de práticas que Azoilda Trindade (2005) chamou de valores afrocivilizatórios. Trindade explica que africanas e africanos trazidos ou vindos para o Brasil, assim como seus descendentes, "implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios" (p.30) em nosso país. Azoilda destaca alguns aspectos afro-brasileiros que constituem os valores afrocivilizatórios: 1) o axé ou energia vital, presente em tudo que é vivo; 2) a oralidade, carregada de sentidos e marcas de nossa existência; 3) a circularidade, que aponta para o movimento, a renovação, o processo, a coletividade; 4) a corporeidade, como um patrimônio, o que somos e como existimos; 5) a musicalidade, que nos marca pela dança e pelos ritmos ; 6) a ludicidade, no gosto pela alegria e diversão; 7) a cooperatividade, na força do coletivo e da colaboração com seus iguais; 8) a ancestralidade, como um elo entre passado e presente.

Metodologia

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa e fundamentada em metodologias participativas. A pesquisa se inicia com um mapeamento de organizações negras e indígenas, realizado entre 2020 e 2021. O critério de inclusão na amostragem foi a presença majoritária de integrantes negros e indígenas na liderança e organização. Uma vez realizada a coleta, as práticas foram categorizadas, de acordo com o perfil de atuação: político, religioso, saúde, educação, econômico e cultural. Foram mapeados 298 coletivos negros e 16 indígenas. Na etapa de posterior, que continua até a

atualidade, acompanhamos — através da pesquisa participante (Brandão, 1987), a Teia de Solidariedade da Zona Oeste (Teia ZO), o Centro de Integração da Serra da Misericórdia (CEM), a Rede de mães vítimas da violência do Estado, o Instituto As Josefinas, o projeto educativo Atelierê, Liga de Saúde da População Negra, a Aldeia Vertical e a Aldeia Maracanã.

A pesquisa participante junto ao Instituto As Josefinas foi iniciada em maio de 2023 e continua em andamento. Acompanhamos as atividades do Instituto, que são registradas em diário de campo escrito e a através de registros fotográficos e audiovisual. A câmera não é apenas um aparato técnico de registro, mas um elemento de vínculo, que constrói a comunidade (Paiva, 2003) e materializa a parceria entre pesquisadoras e as mulheres do Instituto, uma vez que estes registros são colocados à disposição das mulheres e suas narrativas. É importante pontuar como esses registros são bem recebidos nos territórios, pois, nos dias de hoje, a escassez de material audiovisual e fotográfico de qualidade nas redes sociais possuem um impacto muito negativo na visibilidade do que é publicado, resultando na invisibilidade digital de pequenas organizações como As Josefinas. Por este motivo, esse trabalho audiovisual é especialmente relevante, uma vez que as redes sociais são o principal meio de divulgação do instituto.

Os resultados que apresentamos a seguir baseiam-se nos diários de campo de duas pesquisadoras, realizados entre 2023 e 2024.

Os valores afrocivilizatórios na comunicação de As Josefinas

A circularidade como elemento que inicia qualquer atividade também dá fundamento ao modo de comunicar antirracista do Instituto, uma vez que este elemento remete às formas afrobrasileiras e afroindígenas de comunicar. Pelo círculo também encontramos o axé, a energia vital que perpassa todos os seres vivos, desde o alimento às mãos dadas entre as pessoas reunidas em volta da mesa que comem. O relato abaixo também evoca a cooperatividade na construção comunitária da mesa farta:

“[...] um detalhe que me encantou muito foi a fartura da mesa que acomodou as comidas que cada pessoa levou. Antes de abrir a mesa, as organizadoras d’As Josefinas Colab pediram para darmos as mãos e formamos um círculo em volta da mesa, para que todos se conectassem com aquele momento de gratidão. No discurso, Aira comentou sobre a fartura dizendo que não consegue enxergar um aniversário do As Josefinas seguindo a lógica “evento

vip, com exclusividade, acesso privativo”, pois a verdadeira alegria está em cada um dar o melhor de si na cozinha ou no bom gosto do mercado para levar um pratinho, juntar e se regozijar coletivamente com muito amor e fartura. E assim, foi ficando cada vez mais perceptível que a base de tudo nessa organização é o afeto” (Ribeiro, 2023, p. 1).

No ato de construir uma casa, um centro cultural de base comunitária, voltado para mulheres negras na região periférica do Rio de Janeiro, com foco na busca por estratégias de sobrevivência econômica para o povo negro é um ato de resistência e re-existência. Os valores afrocivilizatórios colocados em prática pelo Instituto tecem os vínculos comunicativos entre as mulheres daquele território. A palavra e a escuta são protagonistas nas práticas desenvolvidas pelas mulheres do Instituto. Em abril de 2024, As Josefinas realizaram um ciclo de três oficinas, pelo Programa Sesc Mulheres Plurais, no Museu da República localizado no Catete, bairro do Rio de Janeiro. As atividades foram realizadas em formato de rodas de conversa + oficinas práticas. Neste evento, as participantes produziram suas escritas e em imagens. Os excertos abaixo, detalham alguns dos aspectos civilizatórios afro-brasileiros que puderam ser percebidos no ciclo.

“[...] Mais uma vez, aicineira do dia havia disposto a sala em círculo. No centro, uma mesa com tecidos africanos, perfumes, espelhos, lápis coloridos e papel. Depois de se apresentar, explicou a metodologia que utilizaria naquela oficina: o Sankofa Baobá. Ela queria que olhássemos para trás, para nossa ancestralidade. Passou um espelho, em quatro partes. Antes, detalhou a própria história com o espelho, que havia sido criado na pandemia. Depois da experiência daquele espelho, a afroempreendedora relatou ter criado toda uma coleção de espelhos decorativos para sua marca. O espelho foi passando de mão em mão, começando pela própria icineira. Cada uma deveria dizer seu nome, a cor preferida, uma palavra e um sentimento. Através deste dispositivo, as mulheres presentes acessaram seu passado, seu presente e seu futuro, tal qual preconiza Sankofa. Cada uma teve a oportunidade de falar livremente. Muitas histórias tocantes de sofrimento, resiliência e resistência se sucederam. [...] na segunda parte da oficina, foi a vez de criar uma arte. Cada participante recebeu um papel *couchè*, um espelho e utensílios para desenhar e colorir seu próprio Baobá. Ao final, a palavra foi dada novamente a cada participante. [...] (Sousa, 2024)

O convite à oralidade, à produção textual e manual, à abertura para o outro está presente em cada ação do Instituto. Não há tempo marcado no relógio, não há pressa. As mulheres negras não são interrompidas e muito menos silenciadas. Todas as histórias das mulheres presentes são valiosas e merecem ser ouvidas.

“[...] assim que fotometrei a câmera para registrar a roda de conversa do segundo dia do Sesc Mulheres Plurais, foquei no objetivo de tentar absorver tudo que seria falado naquele encontro apesar da minha missão de congelar cada cena do presente através da fotografia, pois era um grande acontecimento ver Aira Nascimento, mulher afroindígena, fundadora do Instituto As Josefinas e engenheira de produção rompendo com o padrão meritocracia dos mentores, utilizando as ganhadeiras e as práticas ancestrais como exemplo de autonomia financeira. E assim foi feito. Naquela roda me senti em camadas: me senti Raquel criança, Raquel jovem adulta, Raquel fotógrafa, Raquel pesquisadora, Raquel sonhadora, Raquel mulher preta. Senti que todas as versões de mim estavam ali atentas e sendo nutridas ouvindo Aira Nascimento falar dos nossos ancestrais como referência e exemplo de sucesso.” (Ribeiro, 2024, p. 1)

Neste trecho do diário de campo de Ribeiro (2004), mais uma vez observa-se como as referências ancestrais estão sempre no centro de debates e formações, até mesmo ao tratar sobre o empreendedorismo, mercado de trabalho, que também fazem parte dos pilares que regem o Instituto As Josefinas.

O objetivo deste trabalho foi analisar as práticas comunicativas de resistência e re-existência do "Instituto As Josefinas" e seu diálogo com o pensamento negro e afrodiaspórico brasileiro, a partir dos valores afrocivilizatórios, propostos por Azoilda Loreto Trindade. Com esta breve análise, percebemos que valores como o axé, a oralidade, a circularidade e a cooperatividade se fazem presente nas práticas comunicativas das mulheres negras do Instituto As Josefinas. Os conceitos de resistência e reexistência também podem ser aplicados às práticas desenvolvidas pelo Instituto, uma vez que buscam a sobrevivência econômica das mulheres negras de seu território, reinventando formas de existir que se fundamentam na ancestralidade africana e indígenas.

REFERÊNCIAS

ALBÁN, Adolfo. **Más allá de la razón hay un mundo de colores: modernidades, colonialidades y reexistencia**. Editorial Oriente, 2013.

BRANDÃO, Carlos. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stan. L. Rev.**, v. 43, p. 1241, 1991.

hooks, Bell. **Yearnings: Race, gender, and cultural politics**. Boston: South End Press, 1990.

MADEIRA TEIXEIRA DA SILVA, A.; NUNES DE SOUSA, A. L.; RIBEIRO DOS SANTOS, M. E. Educação, Comunicação comunitária e saúde: as lives da Teia de Solidariedade da Zona

Oeste durante a sindemia de Covid-19 : Educación, comunicación comunitaria y salud: las lives de la Teia de Solidariedade de la Zona Oeste durante la sindemia de Covid-19. Revista Cocar, [S. l.], n. 22, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6998>. Acesso em: 27 abr. 2024.

Medina, J. (2012). *The epistemology of resistance: Gender and racial oppression, epistemic injustice, and the social imagination*. Oxford University Press.

PAIVA, Raquel. **Espirito Comum: comunidade, mídia e globalismo**. Mauad Editora Ltda, 2003.

TRINDADE, A. L. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. Salto para o futuro. Programa 2. **TV Escola**, Ministério da Educação, nov. 2005. Disponível em: <http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Valores%20civilizat%C3%B3rios%20afrobrasileiros%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20-%20Azoilda%20Trindade.pdf>. Acesso em: 26 abril 2024.

Robinson, T., & Ward, J. V. (1991). "A Belief in Self Far Greater Than Anyone's Disbelief": Cultivating Resistance Among African American Female Adolescents. *Women & Therapy*, 11(3-4), 87-103.

Scott, J. C. (1990). *Domination and the arts of resistance: Hidden transcripts*. Yale University.